

XII Congresso Latinoamericano de Ciencia Politica

ALACIP

"América Latina como ator na configuração geopolítica global"

Geopolítica do Sul Global e a condição de subalternidade da América Latina

Érika Amusquivar

Professora Instituto de Ciência Política – Universidade de Brasília

Eixo 14. Política Externa, Globalização e Relações Internacionais

17 ao 20 de julho de 2024

Campus do Iscte, – **Lisboa, Portugal**

Geopolítica do Sul Global e a condição de subalternidade da América Latina

O objetivo central deste ensaio consiste em analisar de que modo o desenvolvimento do Sul Global se caracteriza como um processo da subalternidade periférica, em especial da América Latina. A expressão “Sul Global” tem sido utilizada significativamente a partir do século XXI para indicar não apenas uma condição majoritariamente geográfica no hemisfério Sul, mas para aproximar os países em seu desenvolvimento histórico, cultural, econômico, social. Já o termo “subalterno” aparece inicialmente na obra de Antonio Gramsci e se caracteriza como um grupo não unificado, oprimido e marginalizado diante dos processos históricos, tendo sua história contada a partir de uma leitura hegemônica dos grupos dominantes. Como a unidade histórica que aparece é a dos grupos dominantes, essa aparece como a história nacional dos Estados contada por eles próprios, obliterando-se toda a forma de manifestação de grupos excluídos das relações de força. Frente a esse quadro, faz-se necessária a releitura da história a partir da lente subalterna, para que suas vozes possam ser ouvidas desses países do Sul Global. Para tanto, algumas questões serão lançadas a fim de orientar esse artigo. A primeira indagação seria *O que é o Sul Global?* O conceito originário mapeia os principais debates teóricos sobre o tema. A partir da análise do conceito da subalternidade, a segunda indagação parte do desenvolvimento da primeira pergunta: *O que é a geopolítica subalterna?* Dessa forma é possível confrontar a geopolítica clássica à nova concepção geopolítica, a chamada geopolítica subalterna. Por fim, a terceira indagação é: *Quais os problemas e desafios que o Sul Global enfrenta à luz da geopolítica subalterna?* A partir dessa última indagação, faz-se necessário compreender as diferentes formas de desigualdade enfrentadas pelo Sul Global, levando-se em consideração de que a subalternidade faz parte de um processo histórico de embate desigual de forças. O intuito geral é entender de que forma o chamado Sul Global compreende-se historicamente por uma condição subalterna, apesar de grandes transformações recentes. O que deve ser considerada é a sua condição histórica de subalternidade.

Dessa forma, emerge a *geopolítica subalterna*; ela traz como denúncia a forma com que a geopolítica tradicional aparece como um projeto político de exclusão social, econômica e territorial para a manutenção das relações assimétricas de poder e desigualdades sociais. Trata-se de entender a subalternidade no seu sentido social e espacial, uma vez que o centro ocupa um lugar de destaque nas relações de poder, espaço e hegemonia, enquanto que a periferia ocupa um lugar marginal na narrativa histórica. Nesse sentido, esta pesquisa pretende contribuir para ressignificar a concepção tradicional da geopolítica – conceito em que se baseia na forma

com que o determinismo geográfico passa a ser justificado como fonte do poder de um Estado, bem como as forças sociais que o permeiam ao colocar como variável o componente essencialmente geográfico (Norte/Sul) – e apresentar uma análise da *geopolítica subalterna*, ou seja, uma geopolítica do Sul Global, que nasce de um legado histórico de exploração e como resultante desse projeto político permanentemente em disputa por forças sociais que perpetua desigualdades.

Em termos metodológicos, registre-se que esse é um artigo de caráter essencialmente teórico e que adota um viés qualitativo de análise, centrando seu desenvolvimento em uma ampla revisão bibliográfica capaz de cotejar o debate sobre as teorias que incorporam a visão subalterna *vis-à-vis* as abordagens consideradas mais tradicionais na área da teoria política. A partir da revisão bibliográfica inicial, é possível identificar novas teorias sobre a subalternidade que surgiram por meio de uma crítica epistemológica às teorias *mainstream*. Essas novas teorias passaram a buscar alternativas do poder e do saber, o que passa sobretudo, por buscar formas de se conquistar voz e legitimidade de impor também o ponto de vista do subalterno, isto é, dos Estados e/ou nacionalidades não hegemônicas.

Palavras Chave: Geopolítica, Sul Global, subalternidade; América Latina

SUL GLOBAL: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

Segundo o relatório da ONU de 2004 – *Forging a Global South* (“Forjando um Sul Global” em tradução livre) –, o termo “Sul Global” tem se apresentado como uma alternativa aos antigos termos a que se referiam os países não fossem industrializados, tais como “subdesenvolvidos/ em desenvolvimento”, “Terceiro Mundo”, “periferia”. Segundo o relatório:

O uso do termo "Sul" para se referir aos países em desenvolvimento coletivamente tem sido parte da taquigrafia das relações internacionais desde a década de 1970. Baseia-se no fato de que todos os países industrializados do mundo (com exceção da Austrália e da Nova Zelândia) estão ao norte de seus países em desenvolvimento. O termo não implica que todos os países em desenvolvimento são semelhantes e podem ser agrupados em uma categoria. O que ele destaca é que, embora os países em desenvolvimento variem em todo o espectro em todos os atributos econômicos, sociais e políticos, todos eles compartilham um conjunto de vulnerabilidades e desafios.

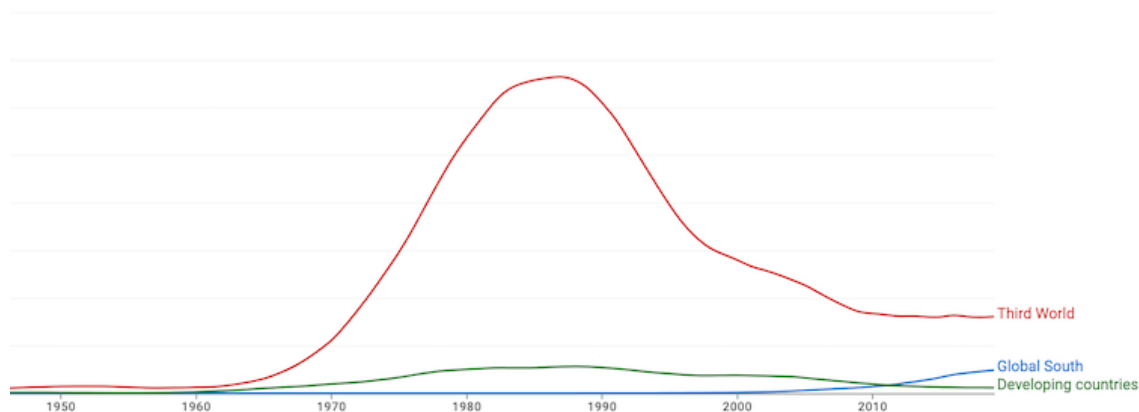
A origem do termo, no entanto, data do final da década de 1960 pelo ativista Carl Oglesby. Em 1969, Oglesby escreve na Revista *Commonweal*, uma revista descrita como católica

liberal, sobre a Guerra no Vietnã no qual ele afirmava que a Guerra demonstrava a história de “domínio do Norte sobre o Sul Global” (OGLESBY Apud HEINE, 2023). Apesar de ser veiculado no final dos anos 1960, será apenas no começo do século XXI que o termo será utilizado em larga escala. O Sul Global é descrito como países geralmente pobres economicamente, ou que possuem um nível de desigualdade comparativamente maior que os países do Norte Global. Outra característica é sua posição majoritariamente (embora não exclusivamente) no hemisfério sul.

Ao se observar a emergência do termo Sul Global, tem-se que indicar não apenas um componente geográfico, mas o modo com que a história e os processos de desenvolvimento se entrelaçam. A industrialização se torna uma das principais referências ao adotar a nomenclatura Norte e Sul Global. Assim, países cujo processo de industrialização foi inicializado na virada do século XVIII para o XIX e conseguiram despontar como grandes potências, assim como os países que, apesar de não terem sido os precursores da I Revolução Industrial, mas que na virada do século XIX para o XX tenham conseguido superar a produção mercantil para estarem ativamente na II Revolução Industrial conseguiram o status de Norte Global. Por outro lado, países que não conseguiram alcançar a corrida industrial e, apesar de terem uma boa condição econômica no século XXI, permaneceram na condição de Sul Global.

Adicionado ao fator industrialização, a condição de colonização está intimamente ligada ao de industrialização, uma vez que esses países antes denominados metrópoles só conseguiram se industrializar por conta da colonização, ou seja, na busca de matérias-primas e mão de obra antes escrava, agora como mercado consumidor. Em contrapartida, as colônias tinham uma condição de subordinação e, por isso, pouca ou nenhuma chance de entrar na corrida da industrialização. É desse modo que o processo histórico se torna tão importante no fator da determinação de Norte ou Sul Global quanto os fatores econômicos, políticos e sociais.

A partir do gráfico abaixo, a incidência do termo Sul Global em ascensão nos anos 2000, ganhando maior notoriedade a partir da década de 2010:



Fonte: Google Books Ngram Viewer, CC BY. Disponível em: < <https://theconversation.com/the-global-south-is-on-the-rise-but-what-exactly-is-the-global-south-207959>>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

O gráfico indica que a ascensão do termo Sul Global ganha notoriedade em site de busca do Google. Mas a análise dos dados vai mais além. Historicamente, o enriquecimento econômico e o desenvolvimento político dos países do chamado Norte Global conquistam também as diretrizes do xadrez geopolítico internacional em que a condição de desenvolvimento econômico daria lugar a uma disputa geopolítica da Guerra Fria. Marcada pela bipolarização, a condição de países de Terceiro Mundo dá lugar a uma nomenclatura mais branda do termo. Isso porque os chamados países de Terceiro Mundo eram considerados como à margem do processo de bipolarização do Primeiro Mundo, ou seja, dos Estados Unidos e do Segundo Mundos, isto é, a União Soviética. Os países de Terceiro Mundo, portanto, eram países em disputa pelas grandes potências do bloco. Antes do final da Guerra Fria, nos anos 1950, esses países ganharam outras denominações. A denominação países periféricos, ou a Periferia, ganhava adesão na medida em que esses países começam a ganhar protagonismo no Sistema Internacional.

No ano de 1955 a Conferência de Bandung representou a tentativa de dar voz aos países não ocidentais (entre africanos e asiáticos, como Egito, China, Índia e Indonésia) para se iniciar a segunda onda de descolonização dos países da periferia (sendo a primeira a descolonização britânica que culminaria na I Guerra Mundial). Tais países optaram não por seguir o bloco soviético, tampouco a hegemonia dos EUA em ascensão, marcando uma posição enquanto atores no Sistema Internacional. A luta pela descolonização era o principal pilar, uma vez que as alternativas ao GATT e Bretton Woods se mostravam necessárias. O principal pilar dessa Conferência era a luta pela descolonização (sobretudo econômica, ao propor alternativas do GATT e Bretton Woods).

No entanto, foi a partir dos anos 1970, década essa marcada por uma guinada dos Estados chamados até então de Terceiro Mundo. Guerras (como a Guerra do Vietnã), crises econômicas, do petróleo e instabilidades políticas foram alguns dos eventos que marcaram intensamente essa década, o que, uma década mais tarde, deu origem a um debate mais aprofundado sobre a própria forma de entender as relações internacionais, uma vez que tais eventos culminaram na reflexão sobre sua episteme. Já na virada do século XX para o século XXI, a crise do Consenso de Washington, emergência de novos polos de poder (como o eixo Ásia-Pacífico) e a elevação dos preços das commodities para financiar as políticas sociais, a crise de 2008, entre outros fizeram com que se evidenciasse a fragilidade da governança global. Assim, o protagonismo dos países do Sul fez com que surgisse, por exemplo, o G20, os BRICS, IBAS, entre outros, marcando o protagonismo do agora chamado Sul Global.

Por isso que para que se possa explicar a emergência dos países do Sul Global é necessário resgatar algumas transformações – históricas, teóricas, políticas, econômicas e epistemológicas – que, por sua vez, derivam de outros campos do conhecimento. Com o fim do sistema bipolar, o *mainstream* acadêmico das Relações Internacionais considerou que o conceito de Terceiro Mundo não possuía mais consistência teórica ou operacional. Denominou-se assim como Sul Global. No entanto, é importante enfatizar novamente que o Sul Global não se refere propriamente a uma questão geográfica, mas sua condição histórica, geoeconômica e geopolítica de dominância, ou utilizando a terminologia desse debate, de subalternidade.

A expressão Sul Global passa então a ser usada em detrimento da expressão “Terceiro Mundo” e internaliza mais do que a rivalidade histórica do período da Guerra Fria (Primeiro Mundo, os países capitalistas, o Segundo Mundo, os soviéticos, Terceiro, os “outros”), mas uma metáfora da exploração e exclusão social (é parte da relação global capitalista). O Sul Global é concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo.

Alguns autores começam a tecer leituras sobre o Sul Global, como as Epistemologias do Sul, que são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos e representa todas as outras regiões que **não** se identificam com a realidade teorizada pelo *mainstream* em Relações Internacionais. Esses autores propõem o deslocamento geopolítico do lugar e do tempo, criticam o saber moderno, historicamente hegemonizado, que foi construído em determinados lugares e contextos, subalternizando

outros lugares e saberes (epistemologias alternativas) e fazem a crítica de alguns pensadores ocidentais contemporâneos que não dispõem de uma reflexão crítica ao eurocentrismo. Para a vertente das Epistemologias do Sul, o eurocentrismo e etnocentrismo surgem legitimados através de conceitos coloniais e racistas.

É necessário registrar que, apesar de o termo Sul Global ter relativamente indicado quem são os países que alçam a esse novo status, o termo em si não carrega uma definição própria e definitiva, uma vez que as características – frutos de um processo de desenvolvimento desigual e combinado – são díspares e, todavia, ganham um sentido próprio sobretudo se considerarmos o processo tanto histórico quanto conjuntural.

É desse modo que se pode afirmar que o Sul Global é uma expressão em construção. Não se trata de uma definição já estabelecida; tampouco há um consenso sobre a sua utilização. Ainda que exista uma conotação mais positiva em comparação aos demais termos já utilizados, o Sul Global ainda continua sendo um agrupamento de exclusão daqueles países que não estão no centro do comando, isto é, do Norte Global. Dito de outra forma, a definição acaba sendo mais pela negação do desenvolvimento do que pela consolidação de um grupo coeso em si.

O QUE É A SUBALTERNIDADE?

O termo subalterno acaba aparecendo na literatura dos quem estudam Epistemologias do Sul a partir da categoria de análise de Antonio Gramsci a quem dedica os estudos na prisão o que sucintamente significa classe ou grupo desagregado e explorado que tem uma tendência histórica a uma unificação sempre provisória pela obliteração das classes dominantes. Trata-se, portanto, da inferiorização – histórica, cultural, política, racial, econômica – do “outro”. Todavia, o processo de “desenvolvimento desigual e combinado” (termo utilizado por Leon Trotsky para se referir a um processo no qual o moderno sistema capitalista convive com diferentes estágios de desenvolvimento, tornando assim o moderno e o atraso a mesma parte de um mesmo sistema) torna-se parte de um processo histórico ao qual os teóricos por muito tempo ou ignoraram para a compreensão das assimetrias de poder ou tomaram como um elemento que pudesse ser superado. Regiões do mundo consideradas como a periferia - América Latina, África, Oriente Médio – assumiram também um protagonismo importante e, com eles, a inserção de um novo olhar.

Conforme Edmundo Dias (2012, p. 72, *apud* SCHLESENER, 2016, p. 139), “subalterno é aquele que não pode falar, que não tem voz”, uma vez que não tem a oportunidade de inserir

seu pensamento nos círculos da narrativa hegemônica Nasce dos escritos de Antonio Gramsci nos “Cadernos do Cárcere”, no qual entendia que esses grupos subalternos são grupos que ainda não se organizaram concretamente enquanto classe, e por isso não possuem uma história ou um pensamento sistematizado que os levem a constituir a história nacional. Por isso que a força hegemônica que aparece é das classes dominantes, cuja unidade histórica se concretiza a partir da estrutura do Estado (SCHLESENER, 2016, p. 1138).

Assim, os subalternos conseguem seu espaço apenas quando sua história lhe é contada pela lente dos dirigentes, uma a leitura em geral realizada dentro dos limites das narrativas dominantes. E os grupos subalternos, na medida em que não possuem *ainda* uma unidade política concreta que lhes permita assumir o poder e sua própria narrativa, têm dificuldades em construir uma unidade ideológica que lhes garanta uma organicidade mais substantiva. (SCHLESENER, 2016).

Um importante giro epistêmico teórico foi evidenciado especialmente pelas abordagens que incorporam as análises sobre o Sul Global, as quais se debruçam no questionamento das relações de poder. Segundo as chamadas *Epistemologias do Sul*, as relações entre os Estados emergiram de um paradigma moderno/colonial e reproduzem estudos a partir da lógica (anglo)eurocêntrica, ocidental e estadocêntrica. Diferentes autores e autoras ligados sobretudo às teorias da subalternidade, como principalmente as do pós-colonialismo, defendem a ideia de que existe uma relação intrínseca entre o centro e a periferia, que se traduz na modernidade/colonialidade. Trata-se, na verdade, de coexistir simultaneamente duas estruturas que se alimentam, numa relação antagônica e assimétrica.

As teorias desta perspectiva subalterna passaram por algumas fases, como no quadro abaixo:

QUADRO 1. GERAÇÕES DO PÓS-COLONIALISMO				
	1ª geração	2ª geração		3ª geração
	Pós colonialismo	Pós-colonialismo	Pós-colonial	Pós-colonialismo Decolonial
Décadas	1960/70	1970/80		1990/ 2000
Grupo	Anti-colonialista	Estudos Subalternos (<i>subaltern studies</i>)		Modernidade/ Colonialidade (M/C)
Autores e Autoras	Franz Fanon Edward Said Aimé Césaire Albert Memmi	Ranajit Guha Partha Chatterjee Dipesh Chakrabarty Gayatri Spivak		Aníbal Quijano Santiago Castro-Gomez Walter Mignolo Ramon Grosfóguel Enrique Dussel Immanuel Wallerstein Nelson Maldonado-Torres Boaventura de Souza Santos

Fonte: Elaboração própria

Fonte: Elaboração própria

Especialmente aquelas ligadas ao pós-colonialismo, que corroboram a tese de que colonialidade é constitutiva da modernidade e representa um padrão de poder ao difundir sua própria história, bem como dos subalternos de acordo com sua própria narrativa. A ascensão de obras de pensadores e pensadoras do Sul Global a partir dos anos 1960 permitiu que seus trabalhos fossem reconhecidos, mas foi a partir dos anos 2000 que o movimento ganhou mais força em termos acadêmicos.

Desse modo, novos autores e autoras conquistaram voz e capacidade de serem ouvidos/as, sobretudo aqueles e aquelas geograficamente localizados no Sul Global. Em relação às vertentes do pós-colonialismo, a primeira geração foi encabeçada por Frantz Fanon em seu livro “Os condenados da terra” (1961). O autor, que nasceu em Martinica, evidencia a relação colonial cuja presença do outro impediria o sujeito de ser totalmente ele mesmo. Soma-se a ele Aimé Césaire e Albert Memmi. Posteriormente, Edward Said, através de sua obra *Orientalismo* (1978), passa a defender a tese do Oriente como “invenção” do Ocidente e denuncia a funcionalidade da produção do conhecimento no exercício de dominação sobre o “outro”. Para Said, “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa” (SAID, 2007, p.32)

Esses quatro autores contribuíram para uma transformação lenta e não intencionada na própria base epistemológica das ciências sociais. Já na década de 1970, formava-se no sul asiático a segunda geração do pós-colonialismo, o Grupo de Estudos Subalternos (*subaltern studies*) – com a liderança de Ranajit Guha, um dissidente do marxismo indiano que passa a analisar criticamente não só a historiografia colonial da Índia feita por ocidentais europeus, mas também a historiografia eurocêntrica nacionalista indiana. Na década de 1980, os *subaltern studies*, especialmente através dos autores Partha Chatterjee, Dipesh Chakrabarty e Gayatri

Chakrabarty Spivak se tornaram conhecidos fora da Índia, especialmente essa última por sua obra “Pode o subalterno falar?”. Spivak se torna conhecida sobretudo pela crítica ao silenciamento do subalterno. Era chamado, portanto, de um “pós-colonialismo pós-colonial”.

A partir dessa noção, os estudos na América Latina passam a ganhar notoriedade e inaugura-se a terceira geração: o “pós-colonialismo decolonial”. Um grupo de intelectuais latino-americanos e americanistas fundou o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos nos anos 1990, o que fez com que a América Latina fosse assim inserida no debate pós-colonial. Intitulados como o grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), destacam-se Aníbal Quijano (autor da expressão “colonialidade do poder”, que designa um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial e articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global), Santiago Castro-Gómez e, posteriormente, Walter Dignolo. Esse último faz uma crítica radical ao defender que estudos culturais, pós-coloniais e subalternos não realizaram uma ruptura adequada com autores eurocêntricos (e isso inclui os autores precursores como Foucault, Deleuze, Gramsci, e até mesmo Guha, Said, Spivak). Para Dignolo, a América Latina e a periferia deveriam produzir e propagar seu próprio conhecimento, uma vez que a região tem a sua especificidade histórica não contemplada por autores que, apesar de serem subalternos, não viveram a história latino-americana. Já Quijano apresenta um conceito importante, a *colonialidade do saber*. Segundo o autor, o legado epistemológico do eurocentrismo nos impede de compreender o mundo a partir de nossas próprias epistemologias, o que abre espaço para o diálogo das epistemes (QUIJANO *apud* PORTO GONÇALVES, 2005). Dentro desse debate, a *geopolítica do conhecimento* (a partir da colonialidade do saber), ou seja, a geopolítica “organizada em torno da diversificação, através da história, das diferenças coloniais e imperiais” (MIGNOLO, 2002, p. 59) como propõe Dignolo, faz com que os saberes na modernidade/colonialidade se autoproclamem como uma produção científica, neutra e universal; no entanto, são eurocêntricos e buscam subestimar outros saberes. Passam a integrar esse grupo Ramon Grosfoguel, Enrique Dussel e Immanuel Wallerstein, e o giro epistemológico na *geopolítica dos saberes* (ou *geopolítica do conhecimento*) ganha importância nas discussões sobre onde e quem produz e dissemina o conhecimento (Dussel, 1977).

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, Nelson Maldonado-Torres cunha o termo “giro decolonial”, evidenciando o pensamento decolonial que estava se formando (o que seria a terceira via da Modernidade/Colonialidade). Dentro da decolonialidade – que sucintamente significa possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista e não pela superação da colonialização), destacam-se as Epistemologias do Sul, termo

cunhado por Boaventura de Souza Santos, autor português que, apesar de situar geograficamente na Europa, se considera situado geográfica e epistemologicamente na periferia da região.

Epistemologias do Sul remete a uma metáfora do sofrimento, da exclusão e do silenciamento de povos e culturas que, ao longo da História, foram dominados pelo capitalismo e colonialismo. Dessa forma, essas teorias surgem como uma proposta epistemológica subalterna, insurgente e alternativa contra um projeto de dominação capitalista, colonialista e patriarcal, que continua a ser hoje um paradigma hegemônico. As Epistemologias “do Sul” existem em contraponto às Epistemologias “do Norte”, que se auto intitulam universais. A relação colonial de exploração e dominação persiste, sendo o eixo da colonização epistêmica uma importante constatação da relação assimétrica e subalternizada. Para esse pensamento, pode-se verificar que os Estados fundam e reafirmam seu poder a partir de tais estruturas, uma vez que historicamente o poder da hegemonia europeia emergiu das estruturas de dominação perante as demais regiões, o que derivou na divisão entre Norte x Sul, ou em outras palavras, o dominante e dominado - ou até mesmo, potências e os subalternos.

Desse modo, a expressão “Sul Global” é concebida metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. E as novas teorias que buscam problematizar a subalternidade passaram a encampar as epistemologias do Sul Global, tanto por ampliar os horizontes do debate, quanto pluralizar o campo das discussões. Afinal, a geopolítica subalterna rompeu fronteiras, tanto das relações geográficas Ocidente/ Oriente quanto das questões Norte/Sul. Essa forma geopolítica, portanto, ganha mais uma ramificação no debate das relações entre os poderes, agora também nas epistemologias: um pensamento do Sul para o Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: GEOPOLÍTICA DO SUL GLOBAL SUBALTERNA?

Ao longo desse breve ensaio, pudemos compreender a forma pela qual a geopolítica deve ser tratada: a partir de sua singularidade, respeitando tempo e espaço. Também a condição histórica dos países, o que é possível encaixá-los alguns na condição de subalterno. Uma das questões que permanecem é que se a condição subalterna pode ser superada a partir dos rearranjos políticos, econômicos e diplomáticos dos países. Um dos exemplos emblemáticos é a ascensão dos BRICS na cena geopolítica mundial no século XXI. Tornar os países, agora denominados a partir do Sul Global não garantem novo status, sobretudo de potências

mundiais. Mas abrem uma possibilidade de rever não o passado, mas o futuro desses países. Ao elevar a condição desses países a um status de potencialmente desenvolvidos, esses países passam a ganhar uma competitividade na qual não dispunham no passado. E tal condição se deve a um fator crucial: a aproximação desses países e o compartilhamento de suas trajetórias enquanto subalterno.

Portanto, a geopolítica subalterna dos países do Sul Global pode ser interpretada, não sob a forma pejorativa, mas pela condição que os unem e ao mesmo tempo o fortalecem. Compreender a necessidade de revisitar seu passado histórico é a chave para indicar uma força em conjunto capaz de tentar reverter as relações de poder no cenário contemporâneo.

Assim, a terminologia Sul Global, bem como a condição da subalternidade devem ser lidas sob a chave da compreensão histórica e da força política na qual esses países podem se tornar. O grande questionamento é que, tal condição enfrenta grandes desafios, como a própria existência (e resistência) do Norte Global em dividir espaço para a ascensão de uma nova força, que não se constitui necessariamente como um poder *a priori*, mas de uma capacidade de começar a se contrapor contra a ordem internacional vigente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMUSQUIVAR, Érika. Gramsci e a geopolítica: um debate sobre poder e território. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2021.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- CÉRAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020.
- CONNELL, Rawyen. Usando a Teoria do Sul: descolonizando o pensamento Social na teoria, na pesquisa e na prática. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), pp. 87-109, 2017.
- DEL ROIO, Marcos. Gramsci e a emancipação do subalterno. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- DEL ROIO, Marcos. Gramsci: Periferia e Subalternidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- DUSSEL, Enrique. Meditações anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da modernidade In: SOUZA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- FANON, Franz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GÓES, Camila. Existe um pensamento político subalterno?: um estudo sobre os Subaltern Studies (1982-2000). São Paulo: Alameda, 2018.
- GRAMSCI, Antonio. Quaderni del carcere: edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. Turim: Giulio Einaudi, 1977.
- GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Selected Subaltern Studies*. New York. Oxford University Press, 1988.
- HALLIDAY, Fred. Repensando as relações internacionais. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, setembro de 2005
- MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 2008.
- MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da 'ciência': colonialidade, geopolítica do conhecimento e pruri-versalidade epistêmica. In: SOUZA SANTOS, Boaventura. *Conhecimento prudente para uma vida decente: "um discurso sobre as ciências" revisitado*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- MORTON, Adam David. A geopolítica do sistema de Estados e o capitalismo global em questão. *Revista de Sociologia Política*, *Revista de Sociologia Política*. v. 29, p. 45–62, Nov 2007.
- NORTE-SUL. In: GALLO, Elisabetta. (Guido LIGUORI & Fabio FROSINI, Org.) *Dicionário gramsciano: 1926-1937*. 1a ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

ORIENTE-OCIDENTE. In: SUPPA, Silvio. (Guido LIGUORI & Pasquale VOZA, Org.) Dicionário gramsciano: 1926-1937. São Paulo: Boitempo, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. Novos Rumos, ano 17, n. 37, 2002

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma nova visão da Europa: aprender com o Sul. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, n. 43, set/dez 2016, p. 24-56

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakrabarty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMAS, Peter. "Refiguring the Subaltern." Political Theory, vol. 46, no. 6, 2018, pp. 861–84. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/26617620>>. Acesso em 06 de junho de 2023.

WALLERSTEIN, Immanuel. O universalismo europeu: a retórica do poder. São Paulo, Boitempo Editorial, 2007.

SCHLESENER, Anita Helena. As novas condições de subalternidade. In: Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, pp. 135-149. Disponível em:

10.7476/9788577982349.0005

WALSH, Catherine. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. * Entrevista a Walter Mignolo. Disponível em: < file:///C:/Users/VAIO/Downloads/Las_geopoliticas_del_conocimiento_y_colonialidad_d.pdf>